

## JUVENTUDES RIOGRANDINAS EM CONTEXTOS DISTÓPICOS: NOTAS INICIAIS DE UMA PESQUISA-AÇÃO

VITÓRIA LIMA COLARES<sup>1</sup>; ALISSON SOUZA CORRÊA<sup>2</sup>; VÂNIA ALVES MARTINS CHAIGAR<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande/FURG – [vitorialimacolares@gmail.com](mailto:vitorialimacolares@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Rio Grande/FURG – [alissonszc@gmail.com](mailto:alissonszc@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal do Rio Grande/FURG – [vchaigar@gmail.com](mailto:vchaigar@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Eu vou à luta com essa juventude  
Que não corre da raia a troco de nada  
Eu vou no bloco dessa mocidade  
Que não tá na saudade e constrói  
A manhã desejada  
(Gonzaguinha, 1980)

O trecho da música “E vamos à luta” que inicia a reflexão deste trabalho, versa sobre jovens que não tiveram tempo para ter medo ou sucumbir ao determinismo histórico que buscou controlar o Brasil durante o período da ditadura empresarial/militar. Quarenta e três anos após o seu lançamento - e levando em consideração as mutações sociais relevantes nesse período -, buscamos destacar, no decorrer do texto, as juventudes como produtoras de conhecimento, à medida que permanecem deixando vestígios importantes para a tarefa de “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019) e construir um amanhã diferente.

É relevante ressaltar que, ao assumir tais pressupostos, não estamos convencidas/o de que todas as pessoas jovens articulam-se nesse horizonte. Na verdade, quando levadas em consideração as condições juvenis possíveis para vivenciar a juventude, somadas a aspectos presentes na sociedade antes mesmo do reconhecimento dessa categoria de sujeitos, observamos uma pluralidade nas maneiras de ser(em) jovem(ns), e por esse motivo recorremos ao conceito no seu plural, juventudes (CASSAB, 2011).

Mas, então, de quais jovens estamos falando? Ou melhor, com quais jovens pretendemos dialogar? Responder a tamanho questionamento não é uma tarefa simples, de modo que se corre o risco de cair no reducionismo do ultrapassado jargão de “dar voz” a eles/as, como se os/as mesmos/as não nascessem gritando (GADOTTI; FREIRE; GUIMARÃES, 1985). Há, entretanto, posto o desafio e a curiosidade epistemológica (FREIRE, 2003) de *conhecê-los/as*, bem como o contexto histórico que estão inseridos. Instigados pelo aprofundamento das desigualdades sociais em curso no país, especialmente durante os anos de 2016-2022, e somados ainda aos impactos da pandemia sobre as camadas populares, propomos o diálogo justamente com esses sujeitos: periféricos/as e marginalizados/as.

Trazemos à tona o caráter distópico do contexto atual, principalmente, ao pontuar que a humanidade vivencia, hoje, uma de suas maiores crises globais, cujos desdobramentos da pandemia de COVID-19 foram capazes de acelerar e escancarar. Paralelo a isso, Sousa Santos (2020) infere que, desde a década de 1980, o mundo vive em um estado permanente de crise a partir da manifestação do neoliberalismo.

Nessa direção, nos últimos anos, observamos a proliferação das *fake news*, além do negacionismo em relação à ciência e, sobretudo, a gravidade do cenário atual. É preciso ressaltar que, tal como a crise, a negação já era notória no Brasil, mesmo antes da pandemia, sendo esta um sintoma da necropolítica (DUNKER, 2020). Assim, caracterizamos os tempos atuais, pós-pandêmicos, como distópicos a partir da compreensão de que vivenciamos uma crise financeira, sanitária, ecológica e política (SOUZA SANTOS, 2020).

Diante do exposto, o presente trabalho tem por objetivo apresentar o projeto de pesquisa “Juventudes riograndinas em contextos distópicos: da marginalização à exploração, do adoecimento ao direito ao sonho na cidade do Rio Grande, RS”, que busca produzir conhecimento a partir de pesquisas relacionadas às juventudes, subsidiando e assessorando gestores, educadores, pesquisadores e interlocutores do contexto juvenil, em relação às políticas públicas e a garantia dos direitos humanos em tempos distópicos.

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo (FLICK, 2009) a partir do método de pesquisa participante, cuja proposta visa o diálogo com a comunidade e a experimentação do processo de pesquisa enquanto uma rede dinâmica e simbólica construída pelo pesquisador (BARBIER, 2004). Além de um método de pesquisa, a pesquisa-ação é um compromisso ético e político, uma vez que, conforme Barbier (2004), seus avanços se dão a partir da implicação em refletir permanentemente sobre a ação e seus efeitos - no pesquisador e nos participantes. Assim, este estudo possui caráter formativo, uma vez reconhecida a importância de fomentar movimentos e iniciativas de jovens na cidade e, por conseguinte, incentivar que os/as participantes venham a difundir conceitos, conteúdos e técnicas trabalhados durante esta formação.

Em consonância com Rubem Alves (1999), propomos que, muito além de cursos de oratória, devemos construir *escutatórias*, de modo a desmobilizar uma espécie de silenciamento interior em prol de um estado que possibilite uma abertura ao outro. Logo, utilizamos da escuta atenta e sensível (BARBIER, 2004) como instrumento, compreendendo que escutas atentas constituem epistemologias de resistência, sobretudo em contextos distópicos.

Dessa forma, o eixo metodológico proposto se refere ao desenvolvimento de instrumentos e contextos de escuta atenta junto aos jovens riograndinos (tanto de forma presencial, quanto de forma *online*), bem como a imersão e análise de documentos como jornais, blogs, revistas fanzines e demais produções sobre juventudes na cidade do Rio Grande/RS e, assim, o levantamento de bibliografias sobre pesquisas e experiências sobre/com juventudes no contexto distópico contemporâneo.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão - Redes de Cultura, Estética e Formação na/da Cidade/RECIDADE<sup>1</sup> (FURG) tem empenhado esforços no processo de escutatória com jovens oriundos/as das camadas populares na cidade do Rio Grande/RS, a fim de conhecer seus sonhos e anseios,

---

<sup>1</sup> Mais informações sobre o grupo disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/727253>. Acesso em: 11/09/2023.

compreender suas realidades, reconhecendo-os enquanto sujeitos sociais questionadores/as da ordem social e transformadores/as da mesma (DAYRELL, 2003).

Nos anos de 2020 e 2021, a pesquisa “Juventudes (Escolares) em tempos afastamento social: estudos de casos na cidade do Rio Grande, RS”, teve como objetivo compreender alguns impactos do ensino remoto na formação escolar dos/as jovens. A partir dos materiais coletados na referida pesquisa, que alcançou duzentos e dezesseis jovens inseridos no ensino médio público da cidade, foi possível identificar alguns dos desafios atuais para a área da Educação, conforme identificado nos trabalhos realizados por Corrêa & Chaigar (2022).

Como desdobramento da referida pesquisa, houve outros três projetos: a) Uma dissertação concluída a nível de mestrado, que investigou os desafios da relação trabalho e educação para jovens do Ensino Médio público na cidade do Rio Grande/RS e apontou categorias que emergiram a partir da utilização de entrevistas narrativas na pesquisa qualitativa com esses sujeitos; b) o projeto de pesquisa “Juventudes riograndinas e o direito ao sonho: “Precisamos todos rejuvenescer” (2022), responsável por realizar encontros entre diferentes grupos de jovens a fim de discutir temas relacionados ao direito à cidade e a utilização dos espaços públicos; c) o projeto aqui apresentado, “Juventudes riograndinas em contextos distópicos: da marginalização à exploração, do adoecimento ao direito ao sonho na cidade do Rio Grande, RS” que se encontra em estágio inicial de desenvolvimento.

As estratégias de isolamento social, como a suspensão das aulas presenciais, tiveram impacto significativo sobre os jovens, dado que sofreram o rompimento de vínculos sociais e interrupção de suas rotinas de estudo e lazer, sobretudo, em uma etapa do desenvolvimento caracterizada por certa fragilidade emocional, em que determinados fatores representam riscos à saúde mental. Acerca disso, um estudo realizado com estudantes dos anos finais e do Ensino Médio, em escolas públicas e municipais localizadas nas periferias de São Paulo (SP) e Guarulhos (SP), indicaram uma triagem positiva de 10,5% para sintomas depressivos graves e 47,5% para sintomas ansiosos graves, o que torna possível inferir que, em outras regiões do Brasil, também houve um aumento significativo dos sintomas de ansiedade e depressão entre jovens (VAZQUEZ et al., 2022).

Ainda nesse sentido, um estudo realizado com cinquenta estudantes do último ano do Ensino Médio da rede pública, em Rio Grande/RS, demonstrou que 59% desses afirmaram não conseguir acompanhar as aulas e atividades propostas no ambiente virtual. Ao serem questionados as principais dificuldades enfrentadas, destacaram-se quatro categorias centrais, que não são rígidas, podendo sobrepor-se: a) estado emocional e psicológico durante a pandemia; b) falta de interesse na modalidade remota; c) conflitos de horários; d) falta/precariedade de acesso à internet (CORRÊA; CHAIGAR, 2022).

Assim, é notório que o cenário pós-pandemia impõe desafios sobre a escola, considerando que, na retomada às atividades presenciais, observou-se um aumento da violência nas relações entre os estudantes, dificuldades de concentração, de interação e formação de vínculos. Nesse contexto, a construção de espaços de escuta voltados à juventude mostra-se fundamental para que possamos compreender suas experiências e a maneira como estas estabelecem uma relação dialética entre determinações objetivas e subjetividades individuais e/ou coletivas.

Rubem Alves (1999), ao descrever sua proposição das escutatórias, orienta que “é preciso tempo para entender o que o outro falou”. De maneira análoga,

Dunker e Thebas (2019) inferem que a escuta é algo que deve ser aprendido, uma vez que o ato de escutar exige que o sujeito *escutador* se implique em uma saída de si mesmo para, então, assumir a perspectiva do outro e suspender a perspectiva que tem de si próprio. Para oferecer uma escuta atenta e sensível ao outro, é necessário exercer a empatia e aceitá-lo incondicionalmente (BARBIER, 2004).

#### 4. CONCLUSÕES

Temos como ponto de partida o estabelecimento de diálogos e escutatórias no intuito de conhecer os jovens que habitam, circulam, ocupam e dão diferentes significados às relações que constroem com os espaços públicos na/da cidade do Rio Grande, RS. Trata-se de um compromisso ético/estético de compreender que a distopia dos tempos atuais dificultou a vivência das juventudes desses sujeitos, interrompendo seus sonhos ou, até mesmo, suas vidas. Diante disso, é necessário esperar - pôr em movimento -, de maneira coletiva, o direito ao sonho e retomar aquilo que nos move, a utopia (GALEANO, s/d).

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua**. São Paulo: Papirus, 1999.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004
- CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. **Revista de história**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 145-159, 2011. Disponível em: <http://www.uuff.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf> Acesso em: 11/09/2023.
- CORRÊA, Alisson Souza; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. Juventudes e Educação: o que estudantes da rede pública contam sobre o ensino remoto em Rio Grande/RS? In: SIQUEIRA, Ana Roberta Machado; CORRÊA, Alisson Souza; SILVA, Rafael Lachnit da; CHAIGAR, Vânia Alves Martins. (Orgs). **Conexões recidade: interfaces e insurgências**. Porto Alegre: Casalettras, 2022. (E-book).
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A arte da quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**, 5. edição. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- GADOTTI, Moacir; FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia: diálogo e conflito**. São Paulo: Cortez, 1985
- GALEANO, Eduardo. O direito de sonhar. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/desejos/sonhos/dsonhar.htm> Acesso em: 13/09/2023.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora: Companhia das Letras, 2019.
- SOUZA SANTOS, Boaventura de. **A cruel pedagogia do vírus**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2020.
- VAZQUEZ, Daniel Arias et al. Vida sem escola e saúde mental dos estudantes de escolas públicas na pandemia de Covid-19. **Saúde em Debate**, v. 46, n. 133, p. 304–317, jan. 2022.